

A extravagante história de um sucesso londrino

# Mary Quant Ltda.— Mini-Saia e Outras Bossas



Condensado do Suplemento Dominical do *TIMES de Nova York* MAUREEN CLEAVE

**H**Á 12 ANOS, no seu apartamento de quarto e sala em Londres, Mary Quant começou a desenhar roupas; no ano passado, as vendas de seus artigos em todo o mundo ocidental passaram de quatro milhões de libras, e Mary Quant foi condecorada pela Rainha Elizabeth por sua contribuição para as exportações britânicas.

Na base da fortuna e do sucesso, havia uma idéia simples. Aos 13 anos, Miss Quant chegou a um estado de

frenesi diante da idéia de se tornar adulta, porque tinha horror ao *aspecto* das pessoas adultas. Diz ela: “As mulheres andavam de saltos altos e finos e usavam cintas. Não tinham traseiro, lembram-se?—apenas assento. Tinham grandes protuberâncias no busto, e o busto entrava na sala antes delas. Eu chorava porque êsse horror me estava alcançando.”

Chegou então à conclusão de que as jovens deviam ter aparência de



jovens, de que os velhos podiam, se quisessem, ter aparência de jovens, mas que os jovens não deviam jamais, em hipótese alguma, ter aparência de velhos. Essa filosofia está na base de cada ponto das roupas que ela desenha.

Em princípios da década de 1960, a juventude começou a fazer furor. Os olhos do mundo voltaram-se para a "Londres Gigante", com os seus Beatles, suas discoteques, seus cabeludos e, muito importante, com a sua moda. Verificou-se que a juventude londrina tinha um ar diferente. Tinha um aspecto diferente, como Mary Quant pretendia que fosse. Estavam todos no rumo que ela traçara.

Mary Quant é uma mulher notável, de 33 anos de idade. Tem olhos roliços, orelhas bem-postas e um bonito nariz. Tem cabelo farto, avermelhado, e usa uma franja em pontas. As roupas que veste são modelos de sua própria autoria, saídas diretamente da linha de produção. Quando foi ao Palácio de Buckingham para receber o título de Oficial da Ordem do Império Britânico, usava um de seus vestidos de jérsei cinza-amarelado, com calça-malha e sapatos da mesma cor, e uma boina de colegial. Não há nada de excêntrico na sua aparência; ela parece caracteristicamente ela mesma.

Tem modos tímidos e hesitantes, mas, quando sabe que tem razão, é uma rocha. Suas características mais marcantes são o andar firme, energia abundante e um entusiasmo sem li-

mites: ela tem tido tempo para aprender com os próprios erros, mas não para tornar-se céptica. Deve ser uma das poucas pessoas que aos 33 anos ainda bate palmas de prazer.

Seus pais—e seus avós maternos—eram professôres batistas em escolas do País de Gales, e esperava-se que Mary e seu irmão, Tony, também se tornassem professôres. Em vez disso, Tony se fez dentista e cirurgião plástico e Mary tornou-se desenhista de figurinos. Diz Mary que isso "só serve para mostrar como é horrível ser pai ou mãe. Êles nunca conseguem aquilo com que contam".

Não há dúvida de que êles nunca contaram com Alexander Plunket Greene, o homem com quem ela se casaria. Alexander é um rapaz alto, de cabelos crespos, grande encanto e o aspecto lânguido do Pequeno Lorde depois de crescido. Os dois se conheceram no Goldsmith's College de Londres, quando ambos tinham 16 anos, e nunca mais se separaram. Para Mary, que era um tanto gorducha e banal, Alexander era a criatura mais exótica que já vira a luz do dia. Êle era considerado decadente, e ser decadente significava estar na moda. "A vida, como a entendo agora, começou para mim quando vi Plunket pela primeira vez", diz Mary Quant.

Alexander organizava a vida dela, e preparava com requintada atenção as peças que pregavam aos outros: brincavam de se raptarem mutuamente e de se fingirem de mortos no metrô. Alexander pensava em



tudo. Quando não tinha camisa para traje de rigor, pintava botões no peito.

Mary, que trabalhava o dia todo, ficava acordada a noite inteira com Alexander, e por causa dêsse tipo de vida não conseguiu tirar o seu diploma de professôra de pintura. Arranjou numa chapelaria um emprêgo de três libras semanais, costurando chapéus elegantes para as senhoras usarem nas corridas de Ascot. Um chapéu podia levar até três dias para fazer. "É, se chovia, elas nunca chegavam a usá-lo", diz ela.

Foi assim que ela formulou a segunda regra Quant: a grande moda deve estar ao alcance do maior público possível, por meio da produção em massa. E explica: "A moda mais extremada deve ser muito, muito barata. Primeiro, porque só os jovens têm bastante ousadia para usá-la; segundo, porque ela assenta melhor nos jovens; e terceiro, porque, se fôr mesmo extremada, não deverá durar. Eu não suportava o sentimento de culpa que me dava um bom costume parisiense guardado no meu guarda-roupa anos a fio."

No fim, ela se tornou a primeira pessoa inglesa a desenhar roupas diretamente para a produção em massa. Antes de Mary Quant, pessoas como Norman Hartnell desenhavam roupas para os ricos e para a Família Real, mas o povo comum comprava nas lojas cópias inglesas das modas parisienses.

Mary Quant começou com uma loja chamada Bazaar, em Chelsea,

que naquela época era o único lugar onde se podia encontrar a Londres Gigante. A intenção de Mary era comprar roupas e bôlsas originais para vendê-las à turma de Chelsea. Alexander entrou com 5 000 libras, e Archie McNair, ex-advogado e fotógrafo, que abrira um dos primeiros cafés de Chelsea, entrou com igual importância.

A princípio, os Plunket Greene tinham pavor dos fregueses; Alexander não sabia distinguir uma fatura de um extrato de conta, e pagava as mesmas contas várias vêzes. Mas a loja, a primeira boutique de Londres, fêz um sucesso enorme. O estoque esgotou-se completamente, e Mary resolveu desenhar suas próprias roupas. Diz ela: "Comprei então uns moldes de papel e cortei fora pedaços onde não os queria, acrescentando mais papel onde desejava."

Comprava seu material em Harrods, talvez o magazine mais caro de Londres, porque nunca ninguém lhe sugerira comprar tecidos por atacado. Comprou uma máquina de costura e contratou costureiras, que se mudaram tôdas para o seu quartosala, onde os seus gatos siameses comiam os moldes de papel. Quando os vestidos ficavam prontos, ela os levava para a loja pendurados no braço, e muitas vêzes vendia alguns pelo caminho. Hoje, tem um escritório central e uma oficina de provas com 60 empregados.

Seus primeiros figurinos eram frequentemente considerados extravagantes e excêntricos; eram práticos,



com saias folgadas e ondulantes. São-lhe atribuídos o antigo Chelsea-Look e o atual London-Look. No correr dos anos, as botas de cano alto, as meias de côr, o vestido-camisola, as saias muito curtas, flanelas e crepons de côres vivas e capas de chuva de plástico brilhante têm sido consideradas coisas essencialmente Quant. Os seus figurinos têm evoluído sempre no sentido da linha dos primeiros tempos, e são agora mais baratos do que nunca.

A firma Mary Quant Ltda. é ainda de propriedade das três pessoas que a fundaram. A história do seu crescimento é fenomenal: as vendas subiram de 350.000 libras em 1961 para quatro milhões de libras em 1966. Essas três pessoas representam uma perfeita justificação da teoria inglêsa de que os tempos de estudante não devem ser desperdiçados em estudos teóricos. Cumpre salientar, naturalmente, que todo êsse movimento manteve os seus promotores em contato com a sua geração, a cujas necessidades Mary tem atendido com tão brilhante intuição.

—Se puséssemos Mary em leilão em Sotheby's, obteríamos um milhão de libras por ela—diz Archie McNair.

—O que faz Mary grande é o talento dela—diz Plunket Greene.  
—O que a faz vitoriosa somos nós.

E o talento de Mary Quant parece inexaurível. Ela trabalha como um demônio, fazendo 22 coleções por ano. Não vende artigos manufaturados, mas figurinos, na base de

direitos. Um fabricante pode rejeitar sumariamente um figurino, mas não pode alterar um ponto nem um colchête. Mary Quant Ltda. autoriza fabricantes da Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha, África do Sul, Austrália e Estados Unidos a fazerem vestidos, roupas-esporte, casacos, capas de chuva, cintas, lingerie, meias, sapatos, cosméticos, perfumes e peles—tudo desenhado por Miss Quant em pessoa. Todos têm a marca da fábrica Quant: uma margarida estilizada.

As idéias de Mary Quant têm um alcance e uma originalidade que a distinguem de uma simples figurinista. “Quanto às máquinas”, diz ela, “por que não se cuida de ver o que a máquina pode produzir *por si mesma*, em vez de fazê-la copiar o que a mão humana produz? Os tecidos fabricados pelo homem não estão dando certo; pegam-se produtos químicos e com êles se faz fio—como se fôssem lã. O resultado é um tecido quase tão bom como a lã, mas muito menos agradável. O que deveríamos fazer é usar os produtos químicos para fabricar o tecido diretamente; devíamos soprar roupas como se sopra vidro.”

Ela se preocupa também com as fibras naturais. “Que é feito do linho?”, pergunta. “O linho antigamente era muito mais interessante, todo encarado e cheio de nós. Agora, resolveram ser inteligentes e fazer com que não se amarrote.” Mary foi à Irlanda do Norte para pedir aos fabricantes que restituíssem os



caroços ao linho. Os fabricantes haviam gasto milhares de libras para eliminar os caroços, mas tornaram a pô-los no linho para atendê-la. “No fim, ficou perfeito”, diz Miss Quant. “Só faltava o cheiro.” Conseguiu que êles começassem a estudar o problema do cheiro.

Uma coisa que obceca Mary Quant é o desaparecimento dos cheiros. “Mesmo na Inglaterra faltam os cheiros deliciosos que há na França. Por exemplo, a sala de estar do meu apartamento—por que não tem cheiro de verniz? Quando andei estudando com os perfumistas franceses o problema de perfumar novamente as coisas, fiquei sabendo que êles têm uma fonte de renda na restituição do cheiro ao pão americano. E isso me faz pensar que tudo vai dar certo, que nós vamos conseguir restabelecer os cheiros.”

Acredita Miss Quant que as transformações sociais aparecem primeiro na moda. “Antes do mobiliário ou da arquitetura, a moda reflete o que as pessoas andam pensando.” Ela está encantada com a evolução que sofreu a moda: cabelos que parecem cabelos, sapatos com que a gente pode andar.

E diz: “As pessoas já não são imitações grosseiras de si mesmas. As pessoas comuns pareciam muito feias na Inglaterra; agora estão umas belezas. Eu mesma não tenho nada de extraordinário—nem bonita, nem feia—mas, quando uso a imaginação, sou capaz de me tornar bastante atraente.”

Qual a finalidade da moda? Aonde nos conduz? “Ao sexo”, diz prontamente Miss Quant. Ela é uma mulher para quem as árvores nunca obscureceram a floresta.



EU ESTAVA procurando um bom presente de aniversário para meu marido, que está no Exército, e fiz-lhe insinuações para ver se êle me dava alguma sugestão. Êle mencionou por acaso que no reembolsável havia uns bonés de golfe novos e que não seria má idéia adquirir um dêles. Vira um do número dêle—mas provavelmente já fôra vendido.

No dia seguinte cedo fui ao reembolsável e comecei a procurar o número dêle entre os bonés. Ia quase desistindo quando descobri, metido na fita de um dêles, um bilhete: “É êste o boné, Norma.”

—N. M.

QUANDO o avião particular que êle estava pilotando sofreu uma pane, o piloto resolveu continuar a viagem num avião comercial. Ao embarcar, ficou intrigado por notar que estava chamando a atenção de todos . . . até que verificou que ainda estava com o pára-quadras.

—J. J. P.